

500 mil árvores abatidas

Em cinco séculos, portugueses, franceses, holandeses, espanhóis, ingleses e brasileiros extraíram 527.182 árvores de pau-brasil (*ao lado*). A exploração mais intensa ocorreu no século 18, quando foram cortadas 322.260 árvores. Yuri Tavares Rocha, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), chegou a esses números após consultar quase mil livros e documentos no Brasil e em Portugal. Depois rodou 10 mil quilômetros em São Paulo e no Nordeste para conhecer a situação atual da *Caesalpinia echinata*, ainda em risco de extinção. Encontrou centenas de árvores em 19 unidades de conservação nos oito estados de ocorrência natural do pau-brasil, mas no Espírito Santo e em Sergipe não há mais exemplares nativos dessa espécie. Em maio, Rocha descobriu uma população nativa pau-brasil em uma usina de cana-de-açúcar em Mamanguape, na Paraíba. •

■ O inexplicável calor das mulheres

Não foi desta vez que se chegou à origem das súbitas ondas de calor que inquietam as mulheres no climatério, o fim da idade reprodutiva. Por meio de entrevistas com 456 mulheres de 45 a 60 anos, uma equipe da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) investigou a influência de 22 fatores – como idade, número de filhos, índice de massa corporal, uso de pílula anticoncepcional e tabagismo – sobre essas ondas de calores ou fogachos, que em geral começam no peito e sobem até o rosto, queimando feito fogo. Segundo o estudo de Danielle Santos-Sá, nenhuma dessas variáveis se mostrou associada aos fogachos. “Uma segunda parte desse trabalho sugere apenas que os fogachos atingem um pico de intensidade por volta de 48 meses após a menopausa”, diz Aarão Mendes Pinto Neto, coordenador do estudo. •

■ Devastação a passos largos

Dois estudos divulgados em maio mostraram que a degradação ambiental no Brasil segue acelerada. As queimadas ocorrem em todas as regiões e não só nas fronteiras agrícolas, há rios poluídos em 38% das cidades e estão surgindo duas novas áreas de desmatamento – no norte do Pará e no oeste da Bahia –, de acordo com o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentado no dia 13. Cinco dias depois o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) comunicou que uma área de 26.130 quilômetros quadrados foi desmatada na Amazônia de 2003 a 2004, com um crescimento de 6,23% em relação ao período anterior. É a segunda maior área desmatada, menor apenas que a do período 1994-1995, quando a Floresta Amazônica perdeu 29 mil quilômetros quadrados. •



MIGUEL BOYVAN



Observe os três lotes desta foto aérea de 2001: o do meio...



... desapareceu, de acordo com esta imagem do CBERS de 2004

FOTOS INSTITUTO FLORESTAL

Mapas orientam decisões em SP

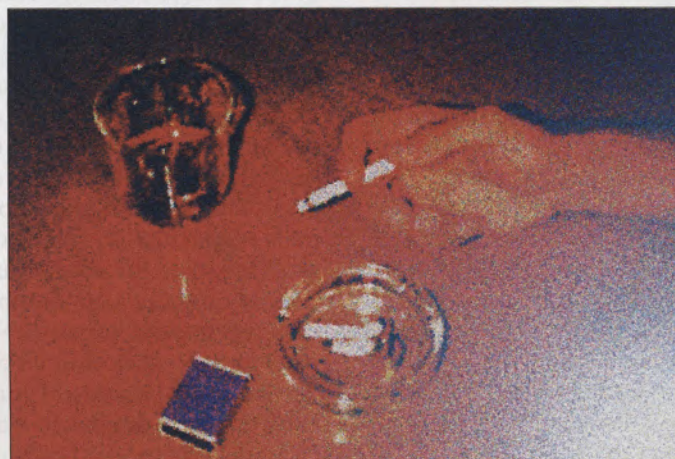
Apresentado em sua versão impressa no final de maio, o *Inventário florestal da vegetação natural do Estado de São Paulo* já mostrou que pode ser útil. A pedido da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, a equipe do Instituto Florestal responsável por esse levantamento comparou as áreas ocupadas por vegetação natural em 1988 e em 2000 às margens de um dos principais rios paulistas, o Mogi-Guaçu. Uma análise de 12 trechos do rio indicou que a área com mata é 60% inferior ao mínimo exigido por lei. “O *Inventário* é um instrumento para análise e tomada de decisões para a conservação da vegetação natural”, diz Francisco Kronka, pesquisador do Florestal e coordenador do projeto. Centenas de mapas e tabelas evidenciam: apesar de um acréscimo em relação ao levantamento anterior, a área coberta por vegetação natural é pequena – equivale a 13,9% da superfície do estado – e está muito fragmentada. Os rios paulistas em geral perderam boa parte das matas ciliares e correm risco de assoreamento, elevando o risco de faltar água nas cidades e no campo. O *In-*

ventário ajudou a identificar as áreas de reabastecimento do aquífero Guarani que estão recebendo fertilizantes agrícolas ou com mata escassa no município de Ribeirão Preto. “É muito importante evitar que essas áreas de captação de água sejam ocupadas desordenadamente”, diz João Régis Guillaumon, pesquisador do Instituto Florestal e um dos autores das propostas de proteção às áreas de reabastecimento do aquífero. Valendo-se de fotografias aéreas de 2001 e imagens do satélite CBERS de 2004, Marco Aurélio Nalon, integrante da equipe do instituto, descobriu que nesse período havia desaparecido um trecho de 1 hectare (10 mil metros quadrados) antes coberto por Mata Atlântica em Bertioga, no litoral paulista. •

Uma dependência atrai outra

Quem é dependente de bebidas alcoólicas ou de drogas corre o risco de tornar-se também dependente de jogos de azar, como loterias, bingos ou jogos eletrônicos. Na população em geral, a prevalência de jogadores patológicos – aqueles que perderam o domínio sobre o tempo e o dinheiro gastos em jogos de azar – varia de 1% a 4%. Mas mostrou-se bem mais alta (18,9%) em um grupo de 74 pessoas com dependência de álcool, cocaína ou crack e maconha em tratamento em serviços públicos de saúde, segundo estudo de pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e da Universidade de São Paulo (USP). Outros 10,8% enqua-

dram-se numa categoria intermediária, de jogador-problema. A maioria (70,3%) integra uma categoria mais amena, de jogadores sociais, para os quais o jogo não compromete a vida: apostam pouco e não se importam em perder, pois só visam a diversão. A comorbidade – ocorrência de dois distúrbios de saúde ao mesmo tempo no mesmo indivíduo – pode ser vista como manifestações de comportamentos impulsivos e incontroláveis, em que se busca o prazer por meio de gratificações temporárias. Pode ocorrer uma troca de dependência: a pessoa se afasta da bebida ou da droga mas se atém ao jogo ou começa a comer ou comprar compulsivamente; só muda o objeto de desejo, não o comportamento impulsivo, observa Maria Paula Tavares de Oliveira, pesquisadora da USP e uma das autoras desse estudo, publicado na *Revista de Saúde Pública*. Diz ela: “Quem trabalha na prevenção ou no tratamento da dependência de álcool ou de drogas poderia ficar atento para detectar e tratar também o jogo patológico, que em geral acomete homens e mulheres com mais de 40 anos e causa sérios problemas sociais, familiares, econômicos e de saúde”. •



HÉLIO DE ALMEIDA